

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Fórum de Negócios sobre Etanol, Biodiesel, Cimento, Gipsita, Soja e Alumínio

Kingston-Jamaica, 09 de agosto de 2007

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer, do fundo do coração, à primeira-ministra Portia Simpson-Miller pelo carinho dedicado à minha delegação desde a hora em que pusemos o pé na Jamaica.

Quero agradecer aos ministros jamaicanos,

Aos ministros brasileiros, que estão em uma outra reunião,

Aos empresários brasileiros que me acompanham já há algum tempo, nessa peregrinação pelo mundo,

E aos empresários jamaicanos que ousaram estabelecer essa parceria com os empresários brasileiros,

Na verdade, primeira-ministra, falar de biocombustíveis para mim é um motivo de muita paixão. E eu preferiria falar de improviso, mas acontece que o meu tradutor está com o discurso ali e eu, então, facilito a vida dele. Mas, antes de começar a ler o discurso, é preciso dizer à primeira-ministra que a questão do etanol, no Brasil, tem uma história profunda. Até 1973, nós quase que produzíamos só açúcar no Brasil. E veio a primeira crise do petróleo. Mas não foi apenas pela crise do petróleo, é que a tonelada do açúcar estava mais de mil dólares no mercado internacional e, como de hábito, todo mundo resolveu plantar cana-de-açúcar. Dois anos depois, despencou o preço do açúcar no mercado internacional. Já estávamos em 1975 e, na época, o presidente da República era um general do Exército. E eu acho que foi extremamente acertada a decisão de se criar a política de álcool no Brasil. Havia muitas críticas no começo, dizia-se que o governo colocava muito dinheiro para subsidiar o álcool, até que nos anos 80 o Brasil começou a produzir carro a álcool. Chegamos a ter 90% da frota brasileira a álcool. Como não éramos uma indústria altamente profissionalizada, havia muitas queixas. De um lado, os defensores da gasolina diziam que o carro a álcool não pegava pela manhã ou

que não tinha tanta velocidade quanto o carro a gasolina. De outro lado, não tinha sido profissionalizado o suprimento para a população que tinha carro a álcool e aí ficávamos por conta da oscilação do mercado. Quando o açúcar subia no mercado internacional, havia uma predisposição de produzir mais açúcar e menos álcool e criava-se o problema de suprimento do mercado interno.

O dado concreto é que chegamos em 2002 sem produzir um carro a álcool. Com a mesma rapidez que tínhamos criado o carro a álcool, acabou-se com o carro a álcool. Isso porque também a indústria automobilística tinha tomado a decisão de produzir o carro mundial, uma peça feita na Holanda, uma na Alemanha, uma na Argentina, uma no México, uma no Brasil, e não estava previsto o carro a álcool.

Pois bem, os companheiros que acompanham e que participaram dessa trajetória sabem que a primeira disputa nossa com o governo da época foi uma proposta de renovação da frota de automóveis no Brasil, e na renovação da frota não foi possível utilizar carro a álcool. Depois fizemos uma segunda proposta, de que os governos federal, estadual e municipal só utilizassem carros a álcool. Também não foi possível. E o que nós queríamos evitar? Primeiro, o setor gerava muitos empregos no Brasil. Era, até pouco tempo atrás, mais de 1 milhão e 200 mil trabalhadores que trabalhavam diretamente ligados à produção de álcool. E, depois, queríamos diminuir a poluição nos grandes centros urbanos. Nada disso sensibilizava o governo da época. E os empresários que estão aqui sabem que muitas vezes foram tratados como marginais, muitas vezes os governantes tinham vergonha de discutir com os empresários.

O que nós fizemos nesses últimos quatro anos e meio? Primeiro, estabelecemos entre nós uma relação do Estado brasileiro com os empresários brasileiros, e discutimos, em 2004, que se nós quiséssemos colocar o álcool no mercado internacional precisaríamos nos profissionalizar mais. Começamos a discutir com a indústria automobilística em como voltar a utilizar o álcool. E surgiu o que parecia impossível: um carro chamado *flex-fuel*. Um carro que pode utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% e 50%, 30% e 80%, fica ao gosto do motorista, com uma vantagem: quando o valor do álcool estiver acima de 70% do preço da gasolina, o motorista não precisa colocar álcool

porque não é mais vantajoso.

Bem, os empresários que produzem álcool no Brasil estão crescendo muito, estão ganhando personalidades internacionais. Talvez todos eles recebam mais visita, por ano, do que receberam em toda a vida. E todos nós sabemos, eles e eu, que na medida em que nós queremos que os biocombustíveis se transformem em *commodities*, aumenta a nossa responsabilidade de fazer com que os usuários recebam, 24 horas por dia, o combustível necessário.

Veja que coisa fantástica, primeira-ministra, se forem verdadeiros todos os estudos até agora publicados sobre o aquecimento do Planeta, os biocombustíveis serão inexoravelmente uma nova matriz energética na área de combustíveis. Eu fui agora em Bruxelas, e quando cheguei em Bruxelas me alertaram de que tinha muitas ONG's e muita gente que dizia que era incompatível a produção de biocombustíveis com a produção de alimentos. E duas coisas me indignavam. Primeiro, o fato de que nós temos 800 milhões de habitantes no Planeta passando fome não por que não temos produção de alimentos. É porque não temos renda para comprar alimentos. Segundo, Deus, quando nos criou, nos proveu com uma massa de inteligência que está guardada no nosso cérebro. Nós sabemos que a primeira energia de que a humanidade precisa é a energia física, é a nossa inteligência, que só existe porque comemos. Então, seria impensável algum país trocar a produção da segurança alimentar para encher o tanque de um carro.

Agora, nós já temos países ricos no mundo que não produzem a quantidade suficiente de alimento para comer. E qual é a vantagem que eles têm? Têm outros conhecimentos, produzem produtos manufaturados de muito valor agregado e se dão ao luxo de comprar alimentos de todas as partes do mundo. Pois bem, este argumento de que vamos utilizar as terras dos alimentos para produzir etanol é totalmente descabido. Eu vou lhe dar um dado: nós temos, no Brasil, 850 milhões de hectares de terra. Desses, 360 milhões de hectares são a parte da Amazônia que não vamos mexer. Mas também não é apenas um santuário da humanidade, porque lá moram 23 milhões de habitantes que precisam trabalhar, precisam comer, e nós temos que desenvolver a região de alguma maneira. Todas as cidades brasileiras, de São Paulo ao Rio de Janeiro, do Oiapoque ao Chuí, ou seja, de ponta a ponta

do País, ocupam 20 milhões de hectares. Pois bem, nós temos 440 milhões de hectares agricultáveis. Desses, 29% são pasto e apenas 1% é cana-de-açúcar, e se fossem 2 ou fossem 3, seria uma quantidade insignificante diante da quantidade de terra que temos.

Mais ainda, se compararmos o que nós produzimos por hectare em 1975, hoje estamos produzindo quatro vezes mais. E se investirmos em pesquisa, como precisamos investir, Estado e setor privado, poderemos produzir, por hectare, daqui a alguns anos, 5 ou 6 vezes mais do que produzimos em 75. Significa que haverá uma tendência de diminuir a área plantada com aumento de produção. Isso vale para o gado, vale para soja e vale para outros combustíveis.

O que é mais importante, e esse é um debate científico que vamos levar muito tempo para fazer, é que nada é melhor para o seqüestro de carbono do que todo dia a gente plantar uma árvore que vai nascer, porque é nessa fase de crescimento que ela seqüestra o maior número de carbono. É por isso que nós acreditamos que estamos no caminho certo e, ao mesmo tempo, não vamos permitir que os biocombustíveis sejam olhados com o olhar da Europa, porque achamos justo eles não quererem plantar cana. A casa deles já está arrumada, eles já tomam café todos os dias, já almoçam, já jantam, já moram bem, têm renda *per capita* de 25 mil dólares, 30 mil dólares, está tudo arrumado. E eu disse para eles: olhem os biocombustíveis olhando para a África. Olhem aquele continente imenso, que poderia suprir a necessidade de combustível de uma parte do mundo. Olhem para o Caribe e para a América Latina, nós podemos suprir outra parte. E quem deve comprar de nós? Eles, que são os maiores poluidores do Planeta.

Então, o que nós estamos oferecendo para o mundo desenvolvido é a oportunidade de fazerem uma reparação pela quantidade de poluição que jogaram na atmosfera. No fundo, no fundo, é isso que está em jogo neste momento: cada país vai produzir o biocombustível do que puder. Para o Brasil, nós podemos produzir etanol da cana-de-açúcar, mas poderemos produzir biodiesel de uma dezena de oleaginosas que, certamente, também nascem aqui, na Jamaica.

O que é importante, primeira-ministra, é que eu não precisaria estar fazendo esse discurso aqui, porque o Brasil é auto-suficiente em petróleo,

gastamos bilhões em prospecção e pesquisa. Eu poderia dizer: porque estou falando de álcool, se eu tenho petróleo? Quantos países têm petróleo? Hoje, no mundo, 20 países distribuem petróleo para o restante do mundo. Com o biocombustível nós poderemos democratizar e 120 países poderão produzir o combustível que hoje 20 produzem.

Primeira-Ministra, a senhora sabe que uma plataforma de petróleo, para fazer prospecção em grandes profundidades e para retirar 200 mil barris/dia do fundo, custa por volta de 2 bilhões de dólares. E nem todo país do mundo tem dinheiro para fazer uma plataforma ou tem tecnologia para construí-la.

A senhora sabe que quando eu disputei as eleições, em 2002, eu dizia que ia fazer plataforma no Brasil e os meus adversários diziam que o Brasil não tinha tecnologia. Pois bem, estamos fazendo plataforma no Brasil, com tecnologia brasileira, mão-de-obra brasileira, com a mesma qualidade ou melhor do que aquela que a gente comprava. Sabe qual é a vantagem? É que não tem muita gente com dinheiro para fazer prospecção, não tem muita gente com conhecimento tecnológico para fazer uma plataforma. Mas veja que coisa fantástica: qualquer ser humano, doutor ou analfabeto, preto ou branco, homem ou mulher, pode cavar uma cova de 20 centímetros e plantar o seu combustível, democratizando o emprego e democratizando a renda para o povo mais pobre. E, além do mais, conquistando a soberania na área de combustível.

São essas as razões, primeira-ministra, que me faz andar pelo mundo, falando com quem gosta e com quem não gosta. A única coisa que eu peço é o direito de me ouvirem. Eu disse em Honduras, primeira-ministra, que o papel do governo é o de ser indutor, quem vai fazer o trabalho são eles, os nossos empresários, eles que conhecem, eles que têm capital. E nós vamos ajudá-los e incentivá-los e abrir novas fronteiras.

É por isso que eu estou feliz com a inauguração daquela planta. Parecia impossível que a gente pudesse vender etanol para os Estados Unidos. Parecia impossível e foi tão simples, é só estabelecer parceria com outros países. Amanhã vai ser a Europa e depois a China que vão precisar comprar etanol também. E todos vão ter que comprar, do Brasil ou da Jamaica, dos Estados Unidos ou de qualquer outro país, porque todos têm responsabilidade em diminuir a emissão de gás. Essa é a razão principal pela qual estou

viajando mais que caixeiro viajante.

E agora, primeira-ministra, para terminar – não li o meu discurso – eu queria lhe dizer uma coisa: a sua presença na Bahia, para participar da Diáspora Africana, foi um marco nas nossas relações de amizade. Possivelmente nós não tenhamos tido oportunidade de lhe contar o significado da força da imagem e o significado da força da palavra. O que Vossa Excelência fez na Bahia, com aquele discurso, foi quase que demarcar um divisor de respeitabilidade que o povo negro precisa conquistar no mundo.

É por isso que nós estamos aqui, porque a política tem interesses econômicos, a política tem interesses estratégicos e interesses tecnológicos, mas a política também tem uma coisa: uma química que aparece nos olhos das pessoas que governam com sinceridade, das pessoas que não conseguem governar apenas com a inteligência do cérebro, mas governar com a inteligência e o sentimento do coração. E a senhora significa isso.

Muito obrigado.